



A Economia Política da Transição ao Socialismo: a Contribuição de Ernesto Che Guevara

Luiz Henrique Marques Gomes¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é estudar a contribuição teórica de Ernesto Che Guevara para a economia política de transição ao socialismo. O método empregado para tal é a prospecção histórica com base nos escritos de Guevara e na literatura acerca do tema. Os resultados obtidos mostram que o autor considerado possuía uma visão refinada dos problemas e das necessidades do período de transição uma sociedade socialista. Conclui-se que os estudos de Guevara possuem relevância quando se trata da questão da superação da sociabilidade capitalista. Para atingir seu objetivo, este trabalho divide-se em seções, as quais estão organizadas de acordo com os temas mais relevantes para a compreensão da contribuição teórica de Guevara.

Palavras-chave: Ernesto Che Guevara; Socialismo; Planificação Econômica; Lei do Valor; Socialismo de Mercado.

La Economía Política de la Transición al Socialismo: La Contribución de Ernesto Che Guevara

Resumen

El objetivo de este trabajo es estudiar la contribución teórica de Ernesto Che Guevara para la economía política de la transición al socialismo. El método empleado para ello es la prospección histórica con base en los escritos de Guevara y en la literatura acerca del tema. Los resultados obtenidos muestran que el autor poseía una visión refinada de los problemas y de las necesidades del período de transición hacia una sociedad socialista. Concluimos que los estudios de Guevara tienen relevancia cuando se trata de la cuestión de la superación de la sociabilidad capitalista. Para alcanzar su objetivo, este trabajo se divide en secciones, las cuales están organizadas de acuerdo con los temas más relevantes para la comprensión de la contribución teórica de Guevara.

Palabras clave: Ernesto Che Guevara; Socialismo; Planificación Económica; Ley del Valor; Socialismo de Mercado.

The Political Economy of Transition to Socialism: The Contribution of Ernesto Che Guevara

Summary

¹ Doutorando em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

The objective of this work is to study the theoretical contribution of Ernesto Che Guevara political economy of the transition towards socialism. The method used for this is the historical prospecting based on the writings of Guevara and literature on the subject. The results we achieved shows that the author considered had an insight into the problems and needs of the transition period. We conclude that Guevara's studies are relevant when it comes to the issue of overcoming the capitalist society. To achieve its goal, this work is divided into sections, which are arranged according to the most relevant topics for understanding the theoretical contribution of Guevara.

Keywords: Ernesto Che Guevara, Socialism, Economic Planning, Law of Value, Market Socialism.

1. Introdução

Em 2015 completaram-se exatos 50 anos de que Ernesto Che Guevara enviou uma carta, por intermédio de Eduardo Galeano, para Carlos Quijano em Montevideú, Uruguai. Nesse texto, conhecido como “*El Socialismo y El Hombre em Cuba*”, Guevara assentou as bases teóricas fundamentais da sua vertente de socialismo, a qual é caracterizada pela radicalidade e pelo humanismo de suas proposições. O socialismo do Che é oriundo da larga tradição socialista latino-americana e de uma leitura detalhada dos três “*pesos-pesados*” do socialismo europeu: Marx, Engels e Lênin. Em seus estudos, Guevara fez importantes aportes em temas como a estratégia de tomada de poder, a transição ao socialismo, a planificação econômica, o intercâmbio desigual, internacionalismo proletário, o combate ao burocratismo, a importância do trabalho voluntário, a construção do “*hombre nuevo*” socialista, etc.

A seguir estudaremos a contribuição de Che Guevara no que diz respeito à problemática da transição ao socialismo. Envolvido na Revolução Cubana, o Che não escapou do debate de como se organizar a economia pós-revolucionária. Ao tomar, tal revolução, um rumo socialista, o debate entre os revolucionários sobre a forma de organizar a economia cubana cresceu em importância. Tal debate, conhecido como “*el gran debate*” opunha o Che e alguns de seus partidários vis-à-vis os partidários do “socialismo de mercado”, conhecido na época sob a alcunha de “cálculo econômico” (que era o nome dado para o sistema de autogestão financeira e contábil das empresas) (cf. CARCANHOLO & NAKATANI, 2005).

Da discussão do Che com esses personagens nasceu uma concepção de socialismo em que à mudança nas estruturas econômicas e de poder se conjuga uma revolução no próprio sujeito revolucionário; forja-se um “*hombre nuevo*” *pari passu* com as mudanças materiais e políticas. “*Mudar o homem para mudar a sociedade, e vice-versa... uma nova sociedade, baseada em valores de igualdade, solidariedade, coletivismo, altruísmo revolucionário e*

participação popular” (BESANCENOT & LÖWY, 2007: 41,43), é este o norte a guiar a concepção do Che Guevara sobre a transição ao socialismo.

O texto abaixo divide-se em seções, de acordo com os três pontos mais importantes da abordagem de Guevara sobre a transição ao socialismo. Na primeira seção fazemos uma introdução a respeito do debate entre socialismo de mercado e planificação centralizada, que teve em Cuba um dos seus principais capítulos. Na sequência investigamos as contribuições do Che Guevara sobre a economia política de transição ao socialismo. Por fim, há a seção de conclusões.

2. “El Grande Debate”

Sendo o capitalismo um sistema social contraditório e em constantes crises, a superação desse modo de produção é sempre um tema atual enquanto o mesmo sobrevive. O socialismo científico surge no século XIX como uma das respostas ao fracasso reiterado do capitalismo em atender às necessidades da maioria da população mundial. Karl Marx, o principal teórico desse movimento, porém, negou-se a traçar esquemas idealizados de como seria uma sociedade que superasse os marcos da sociabilidade capitalista. Disse ele, certa vez, que (MARX, 1982: 713): “*yo no he construido jamás un ‘sistema socialista’.*” Sendo assim, não é possível uma visão completa do que seria para ele o socialismo, mas sim apontamentos pontuais, como, por exemplo, o fato de que as modificações nas relações de distribuição só são possíveis a partir de modificações nas relações de produção e de que uma sociedade construída a partir da noção de excedente não situa-se longe do modo de produção capitalista. Os textos de referência desse autor são o “*Manifesto Comunista*” e a “*Crítica do Programa de Gotha*”, além de “*O Capital – Crítica da Economia Política*”.

Nesse contexto, surgiram diversos livros, artigos e debates acerca de como organizar a economia pós-capitalista, dentro os quais o célebre “*Anti-Dühring*” de Engels. Quando da Revolução de Outubro de 1917, os trabalhadores se viram na posição de deter o poder político e econômico de uma sociedade e de enfrentar a tarefa de organizar uma economia que superasse efetivamente os marcos do modo de produção capitalista. A partir daí a discussão passou de um campo meramente teórico para um campo prático, delimitado pelas condições concretas existentes nos países que conformavam a União Soviética.

De modo geral, consolidaram-se duas posições teóricas: aqueles que defendem

um socialismo com o uso do mercado e outros os quais defendem a planificação centralizada. O debate entre essas duas correntes tem nos anos 1920 o seu cume. Nessa altura houve um debate entre Nicolai Bukharin e Eugênio Preobrajensky o qual delimitou a posição das duas correntes. De maneira resumida, podemos dizer que Bukharin defendia que a utilização do mercado e das categorias mercantis não estava em desacordo com a construção do socialismo. Para superar o atraso no desenvolvimento das forças produtivas, fazia-se necessário fomentar a produção mercantil, o comércio e até mesmo a acumulação privada. Conforme a nova sociedade se desenvolvesse, a superioridade do setor socialista se afirmaria e o mercado e as categorias mercantis se esvaneceriam. Bukharin argumentava também em prol de uma aliança entre o proletariado e o setor agrícola na transição ao socialismo (COHEN, 1975: 160-212).

Já Preobrajensky pleiteava que na sociedade soviética coexistiam dois princípios: a lei do valor e o princípio da planificação socialista. Este último era válido no âmbito da economia estatal. Ambos princípios estavam em perene disputa; cabia aos dirigentes soviéticos fazer predominar a planificação socialista como reguladora da economia. Além disso, outro argumento importante de Preobrajensky era a chamada “acumulação socialista primitiva”, a qual significava que o setor estatal deveria financiar seu esforço de industrialização através de recursos oriundos de outros setores da economia; em um contexto de isolamento internacional, a principal fonte de financiamento da industrialização soviética deveria ser a agricultura (PREOBRAJENSKY, 1979).

Esse debate não foi vencido por nenhum dos dois lados, pois o que a História registra é que Stálin assumiu o poder e estabeleceu seu próprio sistema, o qual trazia elementos das duas propostas. Quando às teses dos socialistas de mercado, Stálin se aproveitou da ideia de que a lei do valor continua tendo um papel importante na transição ao socialismo, pelo fato de que ao lado da propriedade estatal convive a propriedade cooperativa e a troca entre esses dois setores é regida pela lei do valor, além de que a esfera do consumo pessoal também é regulada pela lei do valor. Ademais, Stálin considerava que a lei do valor e a contabilidade capitalista eram importantíssimas para que os gerentes das firmas se disciplinassem e levassem em consideração os custos de produção.

Quanto às teses dos que defendiam a planificação centralizada, Stálin se apropriou da ideia que se fazia necessário uma direção única e centralizada da economia a fim de que a situação de anarquia de produção fosse superada e que os recursos do país se concentrassem no esforço de superar o subdesenvolvimento das forças produtivas.

Além disso, Stálin fez uso da tese de que os recursos para a industrialização poderiam provir da agricultura; com esse fim, ele promoveu a coletivização do campo, a qual visava a modernização do setor, com a conseqüente geração de recursos para o esforço de industrialização (STÁLIN, 1972).

Portanto, o sistema soviético era um híbrido das teses de socialismo de mercado e planificação centralizada. De um lado, estavam a contabilidade capitalista, os estímulos materiais à produção e a autonomia financeira e contábil das firmas (esse sistema de gestão era conhecido como “cálculo econômico” ou *khozraschyot* ou, ainda, autogestão financeira), características estas surgidas durante a época de Lênin no poder e que se mantiveram no período de Stálin. Por outro lado, estavam a planificação centralizada, a propriedade estatal dos meios de produção e a tentativa de se organizar a economia de uma forma racional, com ênfase na industrialização a qual seria financiada primordialmente pelos recursos provenientes do setor agrícola.

O debate que surge em Cuba e no qual se envolve Ernesto Che Guevara é uma continuação desse debate clássico, porém aplicado às condições específicas da ilha caribenha. Quando a Revolução Cubana toma um rumo socialista no começo dos anos 1960, surge a questão de como organizar a economia do país de maneira tal que atendesse às necessidades da população e a construção de uma nova sociedade. De imediato duas posições se afirmaram: as do que, com base na experiência do socialismo no Leste Europeu, pretendiam a aplicação de um sistema de gestão similar ao soviético (o cálculo econômico) e aqueles que pretendiam que o socialismo seguisse um caminho original e organizasse sua economia de forma que a sociabilidade mercantil fosse superada. Os principais defensores da primeira posição eram Charles Bettelheim, Alberto Mora e Carlos Rafael Rodríguez; já os principais partidários da segunda posição eram Ernesto Che Guevara e Luís Álvarez Rom (PERICÁS, 2004: 113-130).

No primeiro caso (o cálculo econômico), as firmas teriam autonomia de gestão e seriam responsáveis pelos seus próprios resultados. As relações entre as unidades produtivas se dariam através do mercado e com o uso das categorias mercantis (preços, contratos monetários, juros, salários, lucros, etc). A diferença com o capitalismo, onde as empresas se confrontam como antagônicas em um mercado, estava no fato de que a propriedade era estatal e, portanto, os interesses das distintas firmas estariam supostamente harmonizados com os interesses do Estado. O motor do sistema seria o estímulo material: lucros, bônus, prêmios, salários por peça é que moveriam os agentes econômicos. O cerne dessa posição era que o fundamental no processo de transformação

social estava na conquista do poder político e não na forma de organização da economia. As relações de produção capitalistas, o uso do mercado e das categorias mercantis seriam superados pouco a pouco conforme o desenvolvimento das forças produtivas assim o permitissem.

No segundo caso (a posição defendida pelo Che), as firmas perderiam sua autonomia contábil, em prol de uma contabilidade única que englobasse o conjunto da economia nacional; desse modo, se uma firma ou indústria apresentasse prejuízo não seria um problema, desde que fosse compensado em outra parte do sistema econômico através de firmas ou indústrias com resultados positivos. As relações entre as firmas seriam meramente transações contábeis e não mais transações mercantis. O acicate primordial à produção seriam os estímulos materiais, pelo motivo de que a superação da sociabilidade capitalista deveria ser acompanhada pela mudança da subjetividade dos agentes em direção a uma visão do mundo emancipada das amarras do capital. O âmago dessa posição estava no fato de que não se supera o capitalismo fundamentando a transição em relações sociais e categorias típicas do modo de produção que se quer superar. Ainda que as condições objetivas de socialização do trabalho não existam, faz-se necessário que a organização da economia ajude a colocar a sociedade em uma trajetória que supere efetivamente as estruturas antigas.

Ernesto Che Guevara era o principal interlocutor desse segundo grupo, chegando a implementar um sistema de gestão baseado nessas idéias quando foi Ministro das Indústrias em Cuba. Na sequência do texto vamos investigar os fundamentos da visão do Che sobre a transição ao socialismo, sem nos atermos demasiadamente nas questões históricas envolvendo o socialismo. Isso é porque nos propomos estudar a visão do Che Guevara sobre a transição e não a história econômica de Cuba.

De acordo com o argumentado pelo filósofo argentino Nestor Kohan na série de vídeos “*Seminarios Guevaristas de Formación*” (2013) há quatro eixos que estruturam a visão de Guevara sobre a transição ao socialismo: o primeiro é acerca da concepção materialista da história; o segundo é acerca da prioridade política (e não econômica) prevalecente nos processos de transição; o terceiro é o papel da gestão da economia (lei de valor versus planificação); e o quarto é o papel da subjetividade revolucionária e da cultura na transição ao socialismo. No presente trabalho identificamos que esses eixos podem ser agrupados em três grandes contribuições teóricas que Guevara aportou ao estudo sobre a transição ao socialismo: a questão da correspondência necessária ou não entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção, o

significado da planificação econômica no socialismo e o papel da lei do valor e das categorias mercantis na construção da nova sociedade.

3. O desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção

A questão da correspondência necessária ou não do desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção durante a transição ao socialismo é um debate que tem origem com o próprio Karl Marx, ao divulgar, de início, que a revolução socialista teria lugar em países suficientemente desenvolvidos em termos de suas forças produtivas, pois nesses países as contradições entre a socialização do trabalho e a apropriação privada atingiriam um ponto máximo capaz de desencadear a transformação no modo de produção. Os adeptos do cálculo econômico defendiam que essa correspondência era uma lei férrea do desenvolvimento social e que não poderia ser violada. Já Guevara sustentava que essa correspondência não necessariamente se manifestaria durante o processo de transição. *Ad fontes*, revisitemos Marx (MARX, 1999: 52):

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações estas que correspondem a um dado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. (...) Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas essas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social. (...) Uma formação social nunca perece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas para as quais ela é suficientemente desenvolvida, e novas relações de produção mais adiantadas jamais tomarão o lugar antes que suas condições materiais de existência tenham sido geradas no seio mesmo da velha sociedade.

Os defensores do cálculo econômico agarravam-se a este trecho de Marx para justificar que a prioridade da classe que toma o poder político é o desenvolvimento das forças produtivas; a natureza das relações sociais de produção vai sempre a reboque desse desenvolvimento: assim como o moinho manual gerou a sociedade com o suserano e o moinho a vapor gerou o capitalismo industrial, é o crescente caráter social da produção e das forças produtivas o que fará da socialização dos meios de produção uma necessidade objetiva. Sendo assim, a tarefa urgente do poder constituído é buscar formas de sofisticar a base econômica da socie-

dade, de modo tal que se construa pouco a pouco as condições objetivas do modo de produção socialista. De acordo com os teóricos do cálculo econômico, o meio mais célere de realizar esse processo é através de supostas leis econômicas que agem objetivamente na sociedade, conforme esta desenvolve suas forças produtivas. E a principal destas leis é a lei do valor, presente enquanto a produção for produção de mercadorias. O uso da mesma acarreta o emprego de uma série de categorias (dinheiro, preços, salários, incentivos materiais, etc) que permanecem como resquício (objetivamente necessário) da antiga sociedade (BETTELHEIM, 1978: 122-126; LÖWY, 2003: 60-61).

Desse modo, estava justificada a utilização de categorias típicas do capitalismo na transição ao socialismo, pois estas supostamente acelerariam o desenvolvimento das forças produtivas. Com isso, a contradição entre as forças produtivas (infra-estrutura ou base econômica) e as relações de produção (superestrutura) se aprofundaria, até que, em dado momento, o socialismo brotasse do estouro dessa contradição. Atente-se a alguns aspectos desse argumento: (i) entre o capitalismo e o comunismo há dois estágios intermediários: o período de transição ao socialismo e o socialismo²; (ii) há a separação entre a esfera econômica e a esfera social e política (ainda que uma condicione a outra) e (iii) é um esquema mecânico e etapista.

Guevara discorda dessa tese de que o desenvolvimento das forças produtivas seja prioritário *vis-à-vis* a formação das relações socialistas de produção. Para ele é possível que o desenvolvimento das relações sociais de produção se adiante aos das forças produtivas. Seu argumento fundamenta-se em dois pontos: (i) se a revolução socialista ocorreu é porque já existiam as condições objetivas para tal. Note que para ele entre o capitalismo e o comunismo há apenas um estágio intermediário, que é o socialismo³ (GUEVARA, 2006: 108-109); (ii) o estouro das contradições que leva ao socialismo pode ocorrer em um país atrasado, pois na fase imperialista do capitalismo este torna-se um sistema global. Do mesmo modo, o socialismo também se torna um sistema mundial. Sendo assim, a consciência (socialista) adquire características mundiais. E esta consciência é o produto do desenvolvimento de todas as forças produtivas do mundo e o produto da educação dos países socialistas sobre as massas do mundo; ou seja, a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção não se contém dentro das fronteiras de um país. Portanto, ainda que em termos genéricos a consciência seja produto das relações de produção, na fase imperialista do capita-

² Marx coloca na obra clássica “*Crítica do Programa de Gotha*”, que há uma fase intermediária (o socialismo) entre o capitalismo e o comunismo. No socialismo a norma de distribuição dos bens e serviços é “*a cada um segundo seu trabalho*”; no comunismo a máxima que o rege é “*a cada um segundo suas necessidades*”.

³ “*El socialismo existe porque hay una sociedad de nuevo tipo, en la cual los expropiadores han sido expropiados y la propiedad social reemplaza la antigua, individual, de los capitalistas.*” (GUEVARA, 1973e: 108).

lismo, a contradição fundamental é entre o imperialismo e o socialismo (GUEVARA, 1973a: 47- 48; 1973e: 101-106).

A hipótese de que a revolução socialista possa ter lugar em um país atrasado do ponto de vista das forças produtivas ganha, pois, renovada esperança. Caso, em certo país, não esteja madura a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, a vanguarda revolucionária local, baseando-se no desenvolvimento mundial das forças produtivas, pode traçar os caminhos adequados para levar a revolução à vitória, sendo capaz de prever uma série de etapas e de “forçar a marcha” dos acontecimentos. Assim, o rompimento do elo mais frágil, como a Rússia de 1917, pode acontecer. Diz o Che (GUEVARA, 1973e: 103):

Al expandirse el capitalismo como sistema mundial y desarrollarse las relaciones de explotación, no solamente entre los individuos de un pueblo, sino también entre los pueblos, el sistema mundial del capitalismo que ha pasado a ser imperialismo, entra en choques y se puede romper por su eslabón más débil.

Destarte, para o Che existe o choque entre as relações de produção e o desenvolvimento das forças produtivas, mas tal choque está condicionado pelo desenvolvimento global e não se confina às fronteiras de um país. Logo, essa contradição não é mecanicamente determinada por uma mera acumulação de forças econômicas, pois também tem papel determinante a ascensão, do ponto de vista histórico e social, de uma classe social então oprimida. Para o Che, não se pode separar a análise econômica do fato histórico da luta de classes. Em um país atrasado do ponto de vista das forças produtivas, a prioridade deve estar em criar o estado político necessário para começar a construção do socialismo (GUEVARA, 1973e: 108; 2006: 342).

Dessa maneira, o aspecto fundamental a ser fomentado no processo de transformação social é o desenvolvimento da consciência socialista, pois essa é a chave para mudar a correlação de forças da superestrutura ideológica da sociedade. Diz ele (GUEVARA, 2006: 14):

(...) el comunismo es un fenómeno de conciencia, no se llega a él mediante un salto en el vacío, un cambio de la calidad productiva, o el choque simple entre las fuerzas productivas y las relaciones de producción. El comunismo es un fenómeno de conciencia y hay que desarrollar esa conciencia en el hombre, de donde la educación individual y colectiva para el comunismo es una parte consustancial a él.

Para os defensores do cálculo econômico, como a consciência é mero reflexo da base econômica, o uso de categorias típicas do capitalismo em uma sociedade em que o poder foi tomado pelos trabalhadores perderia o seu conteúdo de exploração, aparecendo como simples procedimentos técnicos. Já para Guevara, o recurso a tais categorias debilitaria o *ethos* socia-

lista, ameaçando o futuro do esforço de reconstrução social. Guevara, inclusive, defende que o desenvolvimento da consciência socialista é que é um dos segredos para uma maior celeridade no desenvolvimento das forças produtivas (GUEVARA, 1973e: 106, 111).

Portanto, Guevara argumentava contrariamente à aceitação mecânica da correspondência necessária e objetiva entre forças produtivas e relações de produção, pondo ênfase no caráter mundial do capitalismo e do socialismo e na importância da consciência socialista como fator a mudar a correlação de forças de uma sociedade. Este argumento do Che ia na direção oposta daquele defendido pela ortodoxia soviética e pelos adeptos do cálculo econômico, as quais mantinham uma postura etapista quanto se tratava da transformação do modo de produção.

4. O significado da planificação econômica no socialismo

Visto que o desenvolvimento da base material não é prioritário *vis-à-vis* à superestrutura ideológica, investiguemos como Guevara concebia a organização da economia após a tomada do poder. Iremos observar a seguir que ainda é a consciência socialista o fio condutor da posição do Che Guevara.

Ao passo que o modo de produção capitalista é caracterizado pela anarquia de produção e pelo confronto de antagônicos em atos de compra e de venda em um mercado, com a produção social sendo regulada pela lei do valor (que atua sorrateiramente e submete todas as relações à sua lógica), no socialismo, em tese, o homem se levantaria diante da submissão à lei do valor e conscientemente alocaria os recursos da economia de acordo com fins sociais. Desse modo, a forma de organizar a economia socialista é através do planejamento da alocação dos recursos. Um economista belga (MANDEL, 1991: 17-18) nos explica esse tema:

O planejamento não é sinônimo de “perfeita” alocação de recursos, nem de alocação “científica”, nem mesmo de uma alocação “mais humana”. O termo designa simplesmente a “alocação direta” *ex ante*. Como tal, é o oposto da alocação via mercado, que é *ex post*. Estas são as duas maneiras básicas de se alocar recursos, e são fundamentalmente diferentes entre si – mesmo que possam ser ocasionalmente combinadas em formas de transição precárias e híbridas, formas estas que não serão automaticamente reprodutíveis. A lógica interna dos dois modos de alocação é essencialmente diversa. Os sistemas geram leis de movimentos distintas, infundem motivações divergentes nos produtores e organizadores da produção e encontram expressão em valores sociais discrepantes.

Portanto, planejamento é uma alocação *a priori* de recursos e é típica dos países socialistas pela necessidade de coordenar a produção com os fins sociais, ao passo que a alocação *a*

posteriori de recursos, via as leis objetivas de mercado, é típica dos países capitalistas. Para o Che Guevara o significado da planificação socialista transcende a mera alocação de recursos *a priori*, já que ela é também a possibilidade de conscientemente o homem libertar-se dos grilhões da lei do valor. Diz o Che (GUEVARA, 2006: 146):

(...) la planificación es la primera etapa en la lucha del hombre por adquirir pleno dominio de las cosas. Casi si puede decir que la idea de la planificación es un estado de espíritu, condicionado por la posesión de los medios de producción y la conciencia de la posibilidad de dirigir las cosas, de quitarle al hombre su condición de cosa económica.

Perceba que a planificação econômica no Che Guevara é muito mais do que um mero instrumento de racionalizar a produção: dado suas necessidades globais, por ser capaz de escolher o que produzir e como produzir, a sociedade organizada supera sua submissão às forças objetivas que agem por suas costas (a lei do valor). Combinando isso com um alto grau de desenvolvimento das forças produtivas, abre-se o caminho para a distribuição dos bens e serviços de acordo com o mote “a cada um segundo suas necessidades”. Os críticos⁴ do Che Guevara diziam que ele era um “voluntarista”, pois predicava, segundo eles, que tal tipo de distribuição poderia por ser obtido apenas através da conscientização moral da população, ao passo que eles, adeptos do cálculo econômico, defendiam que somente um altíssimo grau de desenvolvimento das forças produtivas é que permitiria a abundância de bens e serviços necessária à distribuição segundo as necessidades⁵.

Na verdade, ao contrário do que diziam os críticos, o Che Guevara jamais negou a importância do desenvolvimento da base material para que a distribuição dos bens e serviços se desse gratuitamente, ponto central na superação do mercado e de suas categorias. Defendia sim, que *pari passu* com o crescimento material, fosse nutrida a consciência socialista, processo capaz de encaminhar a sociedade em uma trajetória de libertação do mundo invertido do fetichismo da mercadoria. Para isso, é preciso o combate à *célula mater* do modo de produção capitalista, que é a mercadoria. É preciso, seguindo essa linha de raciocínio, o combate incessante ao mercado e às categorias mercantis. Daí concluímos que, para o Che, mercado e socialismo são incompatíveis. Se se trata de construir o socialismo então se trata, irremediavelmente, de superar o mercado e suas categorias próprias. A complacência dos dirigentes socialistas com categorias típicas do modo de produção capitalista apenas pode levar suas respectivas

⁴ Ver a troca de cartas entre Charles Bettelheim e Paul Sweezy em BETTELHEIM & SWEEZY (1971).

⁵ Para uma crítica do conceito de comunismo com abundância em um mundo com limites naturais confira BENSsaid, Daniel (2007). *Thirty years after. A critical introduction to the Marxism of Ernest Mandel*. Disponível: <http://danielbenssaid.org/We-are-faced-with-the-challenge-of?lang=fr>. Acesso: 29/06/2016.

economias rumo ao capitalismo e não ao socialismo. Note como o processo de construção da nova sociedade é *path dependent*: não é, por exemplo, com o uso do lucro ou dos incentivos materiais, categorias típicas do sistema combatido, que se supera o capitalismo, mas com o artifício a instrumentos de acordo com o novo quadro social e com a nova moral desejada, como são os estímulos morais. Diz o Che (GUEVARA, 1965):

Se corre el peligro de que los árboles impidan ver el bosque. Persiguiendo la quimera de realizar el socialismo con la ayuda de las armas melladas que nos legara el capitalismo (la mercancía como célula económica, la rentabilidad, el interés material individual como palanca, etcétera), se puede llegar a un callejón sin salida. Y se arriba allí tras de recorrer una larga distancia en la que los caminos se entrecruzan muchas veces y donde es difícil percibir el momento en que se equivocó la ruta. Entre tanto, la base económica adaptada ha hecho su trabajo de zapa sobre el desarrollo de la conciencia. Para construir el comunismo, simultáneamente con la base material hay que hacer al hombre nuevo.

E quem planifica? Atento às “ditaduras sobre as necessidades” do socialismo real do Leste Europeu, Guevara propunha a participação popular no planejamento da economia, ao menos na escolha das prioridades fundamentais do plano, a fim de se evitar as arbitrariedades existentes nos demais países do campo socialista. E não só isso: a participação popular serve para manter a identificação do governo com a comunidade em seu conjunto e preservar a coesão do processo de construção do socialismo. Este é, por definição, uma sociedade qualitativamente distinta do capitalismo, em que, a partir da democracia econômica abre-se a possibilidade da existência de uma democracia real e não meramente formal. Diz o Che (GUEVARA, 1965):

(...) ahora las masas hacen la historia como el conjunto consciente de individuos que luchan por una misma causa. El hombre, en el socialismo, a pesar de su aparente estandarización, es más completo; a pesar de la falta del mecanismo perfecto para ello, su posibilidad de expresarse y hacerse sentir en el aparato social es infinitamente mayor. Todavía es preciso acentuar su participación consciente, individual y colectiva, en todos los mecanismos de dirección y de producción y ligarla a la idea de la necesidad de la educación técnica e ideológica, de manera que sienta cómo estos procesos son estrechamente interdependientes y sus avances son paralelos. Así logrará la total consciencia de su ser social, lo que equivale a su realización plena como criatura humana, rotas todas las cadenas de la enajenación

Para o Che, a formulação do plano deve ser uma incumbência das massas e o cumprimento do mesmo deve estar a cargo da técnica. O plano é uma decisão econômica das massas conscientes do seu papel e a execução do plano deve tender-se a fazer-se mecânica, pois deve estar sob o domínio da técnica (GUEVARA, 2006: 147). Ao Che apeteceria obter um controle

da economia que fosse automático e que exigisse a menor quantidade possível de profissionais qualificados. Por isso ele advogava que uma das tarefas primordiais da construção do socialismo estava no desenvolvimento tecnológico (GUEVARA, 2006: 283-284). E para o avanço tecnológico caberia inclusive utilizar técnicas de produção e administração dos países capitalistas⁶, desde que se abstraísse o conteúdo capitalista (de exploração) destas (GUEVARA, 2006: 355-356, 400). Diz o Che (GUEVARA, 1973b: 31-32):

Todo nuestro trabajo debe estar orientado a lograr que la tarea administrativa, de control y dirección, se vaya convirtiendo en algo cada vez más simple, y los esfuerzos de los organismos se concentren en la planificación y el desarrollo tecnológico. Cuando todos los índices estén establecidos, y los métodos y hábitos de control estén instaurados, con el avance de la planificación en todos los sectores de la economía, esta labor será mecánica y no presentará problemas serios. En ese instante, adquirirán su importancia los métodos modernos de planificación y será posible acercarse al ideal de que la economía se rija mediante análisis matemáticos y, mediante ellos, elegir las proporciones más adecuadas entre acumulación y consumo, y entre las distintas ramas productivas; sin olvidar, claro está, que el ser humano, razón de ser de nuestra revolución y nuestros afanes, no puede reducirse a una mera fórmula y sus necesidades serán cada vez más complejas, desbordando la simple satisfacción de las necesidades materiales. Las distintas ramas de la producción se irán automatizando, aumentando inmensamente la productividad del trabajador y el tiempo libre será dedicado a tareas culturales, deportivas, científicas en su más alto grado y el trabajo será una necesidad social... Nosotros debemos trabajar para que la gestión administrativa se convierta en un perfecto mecanismo de relojería y que el impulso más importante de la producción se efectúe por medio del desarrollo técnico.

Note que a técnica moderna libera o trabalhador para exercer a sua liberdade para além do reino da necessidade de reprodução física e material. É esse o objetivo primordial, não o de competir em termos de produtividade com o mundo capitalista, tal como faziam os países do socialismo real. Para Guevara, o comunismo é um fenómeno da consciência e não apenas da produção. Acumular produtos e dispô-los ao povo pode levar a algum tipo de socialismo, mas não se chega ao comunismo se o homem não construir uma consciência nova frente à sociedade. É este o ponto nevrálgico da obra do Che (GUEVARA, 1973d: 93; 2006: 142, 206, 295-300). Diz ele (GUEVARA, 2006: 142):

Nadie puede poner metas de “pan y cebolla” para llegar al comunismo; a un determinado nivel de desarrollo (elástico) de las fuerzas productivas con un nuevo nivel de conciencia de las masas (en el marco de la socialización total de los medios de producción) se alcanza el comunismo.

⁶ Adiante veremos como o Che constrói seu sistema de gestão da economia a partir do sistema legado pelos monopólios capitalistas.

Em suma, para o Che Guevara, a planificação econômica socialista não é apenas um método de organização da economia, mas é também um passo, consciente, da emancipação do homem do mundo invertido da mercadoria. O fundamental a se reter da posição de Ernesto Che Guevara sobre o tema é a importância da superação das categorias capitalistas e a importância da formação da moral comunista do “*hombre nuevo*”. E uma coisa está ligada com a outra: para Guevara o comunismo é uma meta da humanidade que se alcança conscientemente e a planificação econômica é um dos instrumentos para isso. Diz o Che (GUEVARA, 1973a: 35):

Marx pensaba en la liberación del hombre y veía al comunismo como la solución de las contradicciones que produjeron su enajenación, pero como un acto consciente. Vale decir, no puede verse al comunismo meramente como el resultado de contradicciones de clase en una sociedad de alto desarrollo, que fueran a resolverse en una etapa de transición para alcanzar la cumbre; el hombre es el actor consciente de la historia. Sin esa conciencia, que engloba la de su ser social, no puede haber comunismo.

A importância que Guevara põe na planificação é tal que pode-se dizer que a lei econômica fundamental do socialismo é a planificação. É o seu modo de ser (GUEVARA, 1965: 65; 1973a: 56; 1973e: 113; 2006: 342, 363). E é também o primeiro passo para o fim da alienação do homem, entendida esta como a *raison-d'etre* do comunismo.

5. O papel da Lei do Valor e das categorias mercantis na construção do socialismo

Ainda que tenhamos, na seção anterior, tratado do tema da lei do valor e das categorias mercantis na construção do socialismo, iremos agora aprofundá-lo. Isso é porque o pensamento econômico do Che Guevara tem um fio condutor que é a importância da consciência socialista, e esta aparece em qualquer subdivisão que queiramos fazer de suas ideias. A seguir veremos o que diz Guevara sobre esse assunto, como ele plasmou sua visão em seu sistema implantado em Cuba, quando então era Ministro de Indústrias.

O papel da lei do valor e das categorias mercantis na construção do socialismo é um ponto de polêmica entre os especialistas da matéria. Como vimos, em Cuba, esse debate esteve polarizado em dois grupos: os defensores do cálculo econômico e os adeptos do sistema proposto por Guevara. O cálculo econômico é um modo de administrar as empresas originado durante a implementação da Nova Política Econômica (NEP⁷) e que permaneceu vigente por

⁷ Esse sistema surgiu durante a implementação da Nova Política Econômica (NEP) e permaneceu vigente durante toda a história da URSS. A NEP, diante da situação da econômica precária da Rússia soviética pós-Guerra Civil, foi um conjunto de concessões à lei do valor, aos estímulos materiais e as categorias mercantis feitas a fim

toda a história da URSS. Sua principal característica era a autonomia contábil e financeira das firmas. Estas se relacionavam entre si, através de contratos monetários, em um mercado em que se confrontavam como antagônicas, em que pese a existência de um plano econômico com metas e indicadores a serem cumpridos. Os controles globais do sistema eram feitos por meio de balanços financeiros, contabilizados em unidades monetárias, e também pelas movimentações nas contas das firmas (o chamado “controle pelo rublo”). Os bancos, e o crédito a juros, possuíam um papel ativo (GUEVARA, 2006: 192-196). O estímulo à produção assumia a forma de estímulos materiais, e. g. maiores salários, prêmios, bônus, etc. As trocas de produtos entre as empresas estatais era considerada como compra e venda de mercadorias (GUEVARA, 1973b: 24).

No cálculo econômico, o interesse material era tido como sendo o motor da economia. Para o Che isso era um enorme “Cavalo de Tróia”. Tudo partia da concepção, errada segundo ele, de construir o socialismo com elementos do capitalismo, sem que estes últimos tenham realmente mudado o seu significado. Assim, o resultado final seria um sistema híbrido, com elementos dos dois sistemas. Mas isso não é típico de uma transição? Sim, porém o fato das categorias capitalistas não terem mudado de significado⁸ levaria a economia a um beco sem saída ou de saída dificilmente perceptível, o qual obrigaria a novas concessões à lei do valor e ao estímulo material, dando força às categorias capitalistas e retornando, por fim, ao capitalismo (GUEVARA, 2006: 125, 320-322). Os adeptos do cálculo econômico diziam que as categorias mercantis, como dinheiro, preço e crédito, eram instrumentos para a construção do socialismo. O Che dizia que não eram instrumentos, mas sim sinal de condescendência com estruturas do capitalismo (GUEVARA, 1973e: 109). A definição de Guevara para o modo de produção capitalista é a de um sistema que dê livre movimento à lei do valor. Logo, caminha-se rumo ao capitalismo cada vez que se dá maior liberdade para a lei do valor (GUEVARA, 2006: 429).

Nas sociedades regidas pelo cálculo econômico (países do Leste Europeu), ainda que a vida social fosse cada vez mais coletiva, desenvolvia-se, segundo o Che, um homem indivi-

de mitigar o grave quadro de então. Concebida como algo provisório (“um passo para frente, dois passos atrás”), criou raiz e manteve-se com os sucessores de Lênin. A NEP, por se estender no tempo para além da necessidade de reconstrução econômica imediata, foi tida pelo Che como o grande passo atrás de Lênin. O resultado da mesma foi a hibridação do sistema econômico e a (re)criação de uma superestrutura ideológica capitalista (GUEVARA, 2006: 213). Tal superestrutura ganhou força e na década dos 1960, quando das reformas econômicas no sistema de gestão do socialismo, o socialismo de mercado foi aprofundado em boa parte dos países do Leste Europeu.

⁸ Exemplos de mudança de significado: o estímulo material coletivo em vez do estímulo material individual, o uso do dinheiro apenas como unidade de contabilidade, etc.

dualizado, movido pelo estímulo material e “*siempre señalado por la cantidad de dinero que gana*” (GUEVARA, 2006: 348). Diz o Che (GUEVARA, 2006: 417)

Tras la ruptura de la sociedad anterior se ha pretendido establecer la sociedad nueva con un híbrido; al hombre lobo, la sociedad de lobos, se lo reemplaza con otro género que no tiene su impulso desesperado de robar a los semejantes, ya que la explotación del hombre por el hombre ha desaparecido, pero sí impulsos de las mismas cualidades (aunque cuantitativamente inferiores), debido a que la palanca del interés material se constituye en el árbitro del bienestar individual y de la pequeña colectividad (fábricas por ejemplo), y en esta relación veo la raíz del mal. Vencer al capitalismo con sus propios fetiches a los que se les quitó su cualidad mágica más eficaz, el lucro, me luce una empresa difícil.

Nas antípodas do sistema de cálculo econômico estava o sistema de gestão desenvolvido por Guevara. O ponto central desse sistema era a superação do mercado e de suas categorias, de modo tal que ele foi elaborado com vistas à superação da forma elementar em que aparece a riqueza capitalista, que é a mercadoria.

Partindo da teoria do valor de Marx, a mercadoria só pode existir se há mercado; é neste que o trabalho humano se indiferencia e passa a ser um portador de valor. Nesse caso, a relação social entre os seres humanos deixa de ser direta e passa a ser mediada pelo mercado, aparecendo como uma relação entre coisas. O mundo, pois, se inverte: as coisas ganham vida e os seres humanos viram coisas. E mais: por serem legitimados *ex post* no mercado, o trabalho humano despendido na produção perde a possibilidade de atender com destreza as necessidades sociais globais. Na planificação socialista, dada as necessidades sociais, decide-se a alocação do trabalho nos distintos setores. No modo de produção capitalista não é isso o que ocorre: cada produtor produz de forma isolada sem qualquer tipo de consideração pelo conjunto social. E dado que o caráter de valor das coisas passa a ser considerado já no momento da produção, as necessidades sociais globais não tem importância na decisão de produção. Se a sua decisão de produção foi correta ou não é dado *ex post* no momento da realização da demanda (efetiva). No capitalismo, a produção não é voltada para atender as necessidades sociais mas sim para atender a necessidade de se obter a maior rentabilidade possível.

Daí se conclui que a tarefa da revolução socialista é ir contra o mercado e suas categorias: é preciso organizar a economia em direção ao desvanecimento das relações mercantis, até a extinção da forma-mercadoria. Com esse fim, quando ministro em Cuba, Guevara elaborou um sistema chamado “*Sistema Presupuestario de Financiamiento*”⁹. Nele, as transações entre as empresas socialistas não eram tidas como transações de mercadorias, mas sim como

⁹ Para o esmiuçamento desse sistema confira CARCANHOLO & NAKATANI (2005) e/ou TABLADA PEREZ (1987: 77-111), além de GUEVARA (1973a).

meras transações contábeis, com o dinheiro servindo apenas de unidade de conta. Por isso as firmas socialistas não tinham fundos próprios e tampouco recebiam créditos bancários: elas retiravam e depositavam seus recursos no orçamento (“*presupuesto*”) público. O produto só assumiria a forma de mercadoria quando fosse transacionado com o consumidor final (GUEVARA, 1973a: 43, 1973b: 25, 1973d: 94, 2006: 157). Nas próprias palavras do Che (GUEVARA, 1973b: 25):

(...) Nuestra concepción, que aún no ha sido realizada, salvo en determinadas ramas económicas, considera al producto como un vasto proceso de flujo interno en el curso de la transferencia que sufre en el interior el sector socialista hasta su transformación en mercancía, lo cual se produce solamente cuando hay un cambio de propiedad. El pasaje de un producto de una empresa a otra, de un ministerio a otro, debe ser considerado como una parte del proceso de producción que agrega valor al producto, y la banca se convierte en una simple caja contable que registra los movimientos. La empresa no posee fondos propios y, en consecuencia, sus ingresos son reintegrados al presupuesto nacional.

A concepção do Che sobre o trabalho abstrato e sobre a transformação dos produtos em mercadorias encontrou nos grandes monopólios e trustes a inspiração para a instalação prática de um sistema de gestão e produção que trabalhasse pelo esvanecimento do mercado e de suas categorias. Como Cuba era um país pequeno, com adequada rede de comunicações e com a produção organizada através de monopólios/oligopólios (estadunidenses, que após a revolução foram expropriados), Guevara encontrou uma base material propícia para implementação de seu sistema. A idéia básica é que dentro dos monopólios e trustes não há relações mercantis, apenas trocas de produtos, e a transferência de recursos entre unidades de produção não é sinônimo de contratação de crédito a juros. A meta seria então que o Estado se tornasse uma só grande empresa. Disse ele, em uma reunião do Ministério, o seguinte (TABLADA PEREZ, 1987: 72):

Nosotros planteamos aquí un sistema centralizado de la dirección de la economía, con un control bastante riguroso de las empresas con un control consciente de los directores de empresas y considerar el conjunto de la economía como una gran empresa y tratar de establecer la colaboración entre los participantes como miembros de una gran empresa, en vez de ser lobitos entre sí, dentro de la construcción del socialismo.

Se para Guevara, o seu sistema ia buscar nas técnicas de organização e gestão da fase então atual do capitalismo, o capitalismo monopolista e imperialista, o seu *modus operandi*. (evidentemente, com os conteúdos capitalistas devidamente expurgados), o cálculo econômico, surgido com a NEP de Lenin, teria sido forjado à molde e semelhança do capitalismo pré-

monopolista, característico da Rússia do início do século XX. Sendo assim, os países socialistas não se posicionavam na fronteira tecnológica em termos de organização e gestão, mas sim em um estágio anterior. Ao substituírem o mercado por modelos de gestão, organização e técnicas produtivas anacrônicas deu-se início a um atraso relativo em termos tecnológicos dos países socialistas *vis-à-vis* os capitalistas, notadamente os EUA. E mais: como os preços internos eram administrados e baseados em mercados distorcidos, nem sequer tais países conseguiam dar conta de seu atraso via o comércio internacional (não possuíam base comum de comparação). Defendia o Che que seu sistema, além de elevar a eficácia da gestão, por estar *up-to-date* com as técnicas mais modernas de organização e gestão, aprofundaria a consciência das massas e traria coesão para o sistema socialista mundial (GUEVARA, 1973a: 41-43, 2006: 12-13; 344-345, 367-368).

Vemos que o sistema elaborado por Guevara tinha uma fundamentação teórica bastante sólida, além de ser adequado às condições objetivas existentes em Cuba. Cabe perguntar agora qual o papel teria a lei do valor nesse contexto. Na perspectiva de Guevara, há quatro pontos que caracterizam a lei do valor: (i) está condicionada pela existência de uma sociedade mercantil; (ii) seus resultados não podem ser medidos *a priori* e devem refletir-se no mercado onde se confrontam produtores e consumidores; (iii) é coerente em um todo, que inclui mercados mundiais e (iv) atua como tendência e, em um processo de transição ao socialismo, deve desaparecer (GUEVARA, 1973a: 53). Note como, para o Che, a lei do valor só pode se expressar através do mercado. Logo, no âmbito das relações entre as fimas sob o *Sistema Presupuestario de Financiamiento*, onde está vigente o princípio da planificação econômica, a lei do valor não atua.

Além disso, Guevara aponta que, com a revolução socialista, mudam-se as relações de produção e a propriedade dos meios de produção e, *ipso facto*, o mercado se distorce. Por conseguinte, o uso consciente da lei do valor em uma sociedade planificada, tal como advogavam os defensores do “cálculo econômico”, não passa de uma quimera. Diz o Che (GUEVARA, 1973a: 56):

Negamos la posibilidad del uso consciente de la ley del valor, basado en la no existencia de un mercado libre que exprese automáticamente la contradicción entre productores y consumidores; negamos la existencia de la categoría mercancía en la relación entre empresas estatales, y consideramos todos los establecimientos como parte de la única gran empresa que es el Estado (aunque, en la práctica, no sucede todavía así en nuestro país). La ley del valor y el plan son dos términos ligados por una contradicción y su solución; podemos, pues, decir que la planificación centralizada es el modo de ser de la sociedad socialista, su categoría definitoria y el punto en que la conciencia

del hombre alcanza, por fin, a sintetizar y dirigir la economía hacia su meta, la plena liberación del ser humano en el marco de la sociedad comunista.

A existência da manifestação da lei do valor sob o socialismo deve-se a três motivos: (i) aos restos da sociedade mercantil anterior, (ii) à troca Estado-consumidor¹⁰ (e (iii) ao comércio exterior. Portanto, no modo de produção socialista, a lei do valor tem uma existência marginal (GUEVARA, 1973a: 54-55; 1973b ; 1973c: 72-73; 1973e: 113; 2006: 428-429).

O estímulo à produção é outro ponto fundamental de discórdia entre o Che e os defensores do cálculo econômico. Para o Che cada tipo de sistema econômico traz consigo uma moral própria (GUEVARA, 2006: 234). E “*cada sistema tiene sus leyes que contribuyen a consolidarla*” (GUEVARA, 2006: 235). Logo, as concessões do cálculo econômico às categorias capitalistas alimentavam o *ethos* capitalista e reforçavam um tipo de superestrutura capitalista, que, em certo momento, cobraria maior liberdade para as forças de mercado (como ocorreu a partir da reforma dos anos 1960 no Leste Europeu).

Por isso é que o estímulo material, ainda que fosse necessário, jamais poderia ter se revestido de alavanca fundamental do sistema econômico, tal como faziam os soviéticos e europeus do Leste, pois esse tipo de alavanca rapidamente ganha vida própria e impõe sua própria força nas relações sociais. Para o Che, “*no hay que olvidarse que viene del capitalismo y está destinada a morir en el socialismo.*” (GUEVARA, 1973a: 46). Inclusive, o Che defende que o desenvolvimento da moral socialista faz mais para o aumento da produtividade que o estímulo material e que o desenvolvimento da consciência socialista está em contradição com o desenvolvimento dos interesses materiais diretos e os interesses individuais (GUEVARA, 1973a: 45-46; 2006: 431). Aqui está, novamente, o argumento principal do Che Guevara: o subjetivo não é uma mera questão acessória; pelo contrário, a construção de uma subjetividade revolucionária é a base em que se sustenta todo o edifício da ordem social socialista.

Guevara ocupou-se também de refutar as objeções ao seu sistema, em especial a ausência de estímulos materiais diretos e a suposta tendência ao burocratismo (GUEVARA, 1973b: 25). Sobre o primeiro ponto, já tratamos acima. Acerca do segundo tema, o Che define o burocratismo como o freio que os trâmites burocráticos causam ao desenvolvimento da sociedade: “*el papel como sustituto de la acción, papel que está destinado en definitiva a engavetarse, es decir, el papel sustituyendo la decisión a tiempo y ágil*” (GUEVARA, 2006:

¹⁰ Reiterando, a troca de produtos entre empresas estatais não é troca de mercadorias; o produto somente assume a forma-mercadoria quando a troca é do Estado ao consumidor, pois mercadoria para o Che é o produto produzido para consumo alheio e que troca de propriedade (GUEVARA, 1973a: 62-63; 1973c: 76)

301). Há três razões principais para tal problema: (i) a falta de consciência revolucionária; (ii) a falta de organização; e (iii) a falta de conhecimentos técnicos para que a tomada de decisões seja justa e célere. A saída para o burocratismo estaria em um controle central rígido, que mantenha a direção dos postos-chaves da economia, e a adoção de medidas pró-correção dos problemas (i) a (iii) recém citados, como seriam a educação e o estabelecimento de uma organização administrativa rigorosa (GUEVARA, 1963). Diz o Che (GUEVARA, 1973b: 31):

Toda esta tarea general se combina con la idea de la posibilidad de una dirección centralizada de la economía, pero debemos decir claramente que esta dirección centralizada no debe significar que todas las decisiones serán tomadas en el más alto nivel, sino más bien el establecimiento de los niveles que la organización hará respetar: en esos niveles, se toman las medidas necesarias, sin recurrir a otras instancias. Como tareas preparatorias, debemos precisar claramente las relaciones entre cada uno de esos niveles, lo que debe ser hecho y lo que está prohibido, con cuya ausencia el sistema no podría funcionar correctamente.

Para o Che Guevara a semelhança do seu sistema com a gestão administrativa dos monopólios reduziria a burocracia na condução dos assuntos econômicos, pois, nesse caso, são reduzidas as esferas de (in)decisão (GUEVARA, 2006: 301). Portanto, a centralização das decisões significa menor burocracia. Mas não significa menor participação dos indivíduos nas decisões tomadas ou a mecanização dos mesmos. Guevara roga pela participação dos trabalhadores nas assembleias das empresas (GUEVARA, 2006: 305) e na planificação da produção, porém não defende a auto-gestão e o cooperativismo, especialmente aquele que se fundamenta no livre-mercado (como era o caso da Iugoslávia).

Em síntese, o papel do lei do valor e das categorias mercantis na construção do socialismo, na perspectiva do Che, deve ser a de coadjuvantes que participam da peça apenas por necessidade, nunca como atores protagonistas ou motores do sistema. A direção a ser tomada é sempre rumo ao desvanecimento das categorias próprias do capitalismo. Se elas, por necessidade, tiverem de ser utilizadas, devem ter seu significado modificado.

6. Conclusões

Este trabalho teve como objetivo específico estudar a contribuição do Che Guevara à economia política da transição ao socialismo. Nesse caminho vimos como Guevara fez importações contribuições teóricas e práticas à maneira de se organizar a sociedade pós-capitalista. Evidentemente, o sistema de Guevara não é universalmente válido e estava condicionado pe-

las condições específicas e históricas de Cuba no começo dos anos 1960, porém ele é um importante material de estudo para as experiências socialistas no presente e no futuro.

Do pensamento do Che Guevara que estudamos neste trabalho podemos fazer as seguintes ilações: (i) não há proeminência do desenvolvimento das forças produtivas sobre as relações sociais de produção; (ii) na construção do socialismo tem papel importantíssimo a atuação da vanguarda revolucionária e a formação política da população; (iii) a planificação econômica significa um ato auto-consciente de domínio da sociedade sobre o seu destino, negando a submissão à leis objetivas que agem sob suas costas; (iv) não se constrói o socialismo com elementos típicos do capitalismo sem a degradação progressiva do *ethos* socialista e (v) a construção da subjetividade revolucionária, de um “*hombre nuevo*” é a chave de todo o processo de transição e o fio condutor na obra do Che.

A experiência do socialismo real demonstrou que Guevara possuía uma aguda sensibilidade para identificar os problemas na construção do socialismo. Nos países do Leste Europeu, o socialismo era construído através do uso reiterado do mercado e de suas categorias, além de que o estímulo material era o motor que fazia mover todo o sistema econômico. A insistência de Guevara de que a mudança de regime social não era uma mera troca de modo de distribuição, mas a opção por um modelo oposto de civilização, um novo mundo social, cultural e moral (LÖWY, 2003: 153), foi um alerta que não foi ouvido pelos dirigentes da época. Cerca de vinte e cinco anos após os seus escritos, a maioria dos países socialistas havia se reconvertido ao capitalismo, abrindo novas áreas de acumulação privada e configurando a nova fase do modo de produção capitalista, em que ele, já sem a resistência do chamado campo socialista, aprofunda a precarização do trabalho e a concentração de renda e de riqueza.

Referências

BESANCENOT, Olivier & LÖWY, Michael. **Che Guevara**: Uma chama que continua ardendo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BETTELHEIM, Charles & SWEEZY, Paul. **On the Transition to Socialism**. New York & London: Monthly Review Press, 1972. .

BETTELHEIM, Charles. **The Transition to Socialist Economy**. Sussex: The Harvester Press Limited, 1978.

CARCANHOLO, Marcelo Dias & NAKATANI, Paulo. **A planificação socialista em Cuba e o grande debate dos anos sessenta**. Campinas, Anais do X Encontro Nacional de Economia Política, 2005.

COHEN, Stephen. **Bukharin and the Bolshevik Revolution: A Political Biography, 1888–1938**. New York: Vintage Books, 1975.

GUEVARA, Ernesto Che. Consideraciones sobre los Costos de Producción. In: GUEVARA, Ernesto Che. **Escritos Económicos**. Cuadernos de Pasado y Presente 5. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973b.

GUEVARA, Ernesto Che. **Apuntes críticos a la Economía Política**. Habana/Melbourne: Ocean Press, 2006.

GUEVARA, Ernesto Che. **Contra el burocratismo**. 1963. Disponível em: http://www.marxists.org/espanol/guevara/03_63.htm. Acesso: 29/06/2016.

GUEVARA, Ernesto Che. **El Socialismo y el Hombre en Cuba**. 1965. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/guevara/65-socyh.htm>. Acesso: 29/06/2016.

GUEVARA, Ernesto Che. La banca, el crédito y el socialismo. In: GUEVARA, Ernesto Che. **Escritos Económicos**. Cuadernos de Pasado y Presente 5. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973d.

GUEVARA, Ernesto Che. La planificación socialista. Su significación. In: GUEVARA, Ernesto Che. **Escritos Económicos**. Cuadernos de Pasado y Presente 5. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973e.

GUEVARA, Ernesto Che. Sobre el Sistema Presupuestario de Financiamiento. In: GUEVARA, Ernesto Che. **Escritos Económicos**. Cuadernos de Pasado y Presente 5. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973a.

GUEVARA, Ernesto Che. Sobre la Concepción del Valor. In: GUEVARA, Ernesto Che. **Escritos Económicos**. Cuadernos de Pasado y Presente 5. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973c.

KOHAN, Nestor. **Seminarios Guevaristas de Formación**. Buenos Aires: 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/AgrupHombreNuevo/videos>. Acesso: 26/06/2016.

LÖWY, Michael. **O Pensamento de Che Guevara**. São Paulo: Expressão Popular, 5ª Edição, 2003.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceiro de história”**. Sao Paulo: Boitempo, 2005.

MANDEL, Ernest. **Socialismo X Mercado**. São Paulo: Ensaio, 1991.

MARX, Karl. **El Capital**. Crítica de la Economía Política. Traducción de Wenceslao Roces. México D.F.: Fondo de Cultura Económico, 1982.

MARX, Karl. Prefácio à crítica da economia política de 1859. In: MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política; Do Capital; O Rendimento e suas Fontes**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Che Guevara e o debate econômico em Cuba**. São Paulo: Xamã, 2004.

PREOBRAJENSKY, Eugênio. **A Nova Economia**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.

STÁLIN, Joseph. Remarks on Economic Questions Connected with the November 1951 Discussion on Character of Economic Laws under Socialism. In: NOVE, Alec & NUTI, D. M. (Orgs.). **Socialist Economics**. Harmondsworth: Penguin, 1972.

TABLADA PEREZ, Carlos. **El pensamiento económico de Ernesto Che Guevara**. La Habana: Casa de las Américas, 1987.